DOM MIGUEL D'AVERSA, SDB
Bispo Emérito de Humaitá



OS PERSEVERANTES

Colegas da minha ordenação sacerdotal

Dom Miguel D'Aversa, SDB
Bispo Emérito de Humaitá

OS PERSEVERANTES

Colegas da minha ordenação sacerdotal

1998

DECLARAÇÃO

Em conformidade com as disposições da Santa Mãe Igreja (Decreto do Papa Urbano VIII), declaramos que tudo o que vai escrito neste livro "Os perseverantes colegas da minha ordenação sacerdotal", damos apenas fé humana, como a qualquer outro fato histórico.

(Com aprovação eclesiástica)

APRESENTAÇÃO

A) No dia 24 de fevereiro de 1998, terça-feira de carnaval, comemoração mensal de Nossa Senhora Auxiliadora, rezando o terço na igreja, além de aplicá-lo para reparação das ofensas que Nosso Senhor recebe nos dias de carnaval, apliquei duas dezenas em sufrágio dos meus colegas – perseverantes – de minha ordenação. Foi naquele momento, que me veio a idéia de reunir as notícias deles e formar um opúsculo para estarem todos unidos e lembrados, como estávamos no dia da nossa ordenação sacerdotal.

B) Procurei as cartas mortuárias dos que a tinham, e as notícias dos que nada tinham. Agradeço de todo o coração a quem me ajudou na coleção destas notícias. Estas notícias, portanto, foram recolhidas das cartas mortuárias, sem declinar os nomes dos que as escreveram, e de outros que me deram seus depoimentos. Retocamos e suprimimos alguns trechos. Escrevemos também a alguns que conheceram estes irmãos, e recebemos alguma ajuda.
Colocamos os nomes pela ordem decrescente, conforme a data da morte. Este trabalho quer significar que assim como ficamos unidos nos quatro anos de teologia e na ordenação, possamos nos encontrar no Jardim Salesiano, rodeando o nosso Santo Pai Dom Bosco, e homenageando a Nossa Senhora Auxiliadora, a Estrela que sempre nos guiou e nos ajudou.

C) A minha turma que se ordenou aos oito de dezembro de 1945, cinqüentenário da morte de Dom Luiz Lasagna, era formada de treze. (Não é número de azar, mas neste caso parece que foi.) Eram 4 da Inspetoria de São Paulo, 4 da Inspetoria do Mato Grosso e 5 da Inspetoria de Recife.
De modo que, dos que perseveram, oito já faleceram e foram para a Casa do Pai.

D) O Bispo ordenante, pelo programa, devia ser Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos, de São Paulo, que na última hora ficou impedido. Veio então Dom José Carlos de Aguirre, de Sorocaba, grande estimado ex-aluno salesiano.

E) Primeiras Santas Missas - nove de dezembro.
Pe. Antônio José Góes - Paróquia N. Senhora Auxiliadora.
Pe. Celestino Mário Lázzari - Capela da Sede dos Ex-alunos.
Pe. Heitor Castoldi - Capela das Irmãs de Ensino.
Pe. José Corazza - Colégio Nossa Senhora de Sion.
Pe. Leonardo Donno - Capela do Hospital do Brás.
Pe. Miguel D'Aversa - Paróquia de Santa Teresinha.
Pe. Nestor Rabelo Sampaio - Capela do Liceu Coração de Jesus.
Pe. Osório Antônio Pires Filho - Instituto Pio XI.
Pe. Pedro Hodes - Capela N. Senhora Auxiliadora - Lapa. FMA.

ÍNDICE

1 - Pe. José Corazza 7

2 - Pe. Osório Antônio Pires Filho 15

3 - Pe. Leonardo Donno 21

4 - Pe. Celestino Mário Lázzari 25

5 - Pe. Pedro Hodes 33

6 - Pe. Nestor Rabelo Sampaio 37

7 - Pe. Antônio José Góes 43

8 - Pe. Heitor Castoldi 49



PE. JOSÉ CORAZZA

Muris de Romagna ✷ 27/05/1916
Campo Grande † 19/12/1996 (80 anos)

1 - Lembranças de sua infância

Pe. José Corazza nasceu no dia 27 de maio de 1916 em Muris di Romagna, província de Udine (Friull) na Itália, filho de Umberto Corazza e Santa Simonito. Teve três irmãos e uma irmã. Seus irmãos já faleceram. Sua irmã Adelaide vive em Cassano D'Adda (Milão), na Itália. Seu tio José Simonito casara-se cedo, mas não tinha filhos. Gostava muito do sobrinho José Corazza e acabou levando-o para morar com ele.

Esta adoção durou até o seu ingresso no seminário, ou seja, dos 8 aos 13 anos de idade. Sempre foi um garoto esperto. Voltando da escola, durante o inverno, gostava de brincar de guer-

ra, atirando bolas de neve em seus colegas.

Entre as lembranças de sua idade infantil, Pe. José gostava de recordar uma, por considerá-la impregnada da intervenção divina. Contava que um dia, voltando do trabalho com o tio José, ele guiava os bois que puxavam uma semeadeira. Inesperadamente, os bois se espantaram e debandaram, arrastando-o junto com a semeadeira. Quando parecia iminente uma tragédia, ele foi projetado para o alto. Reapareceu sentado no último degrau de uma escada, sem nenhum ferimento grave.

2 - O despertar vocacional e o ingresso no aspirantado

Seus tios eram católicos praticantes e moravam ao lado da igreja. Participavam da Missa todos os dias, levando consigo o sobrinho José, que era muito atuante como coroinha.

Durante este período preparou-se para a primeira eucaristia e a crisma. Ingressou como aspirante na Ação Católica. Sempre foi acompanhado de perto na formação religiosoa por seus tios e pelo Pároco, o Pe. Egídio Blasutti. Um dos coroinhas, que era seu colega, decidiu ir para o aspirantado salesiano de Trento. Este gesto contagiou-o, e ele passou a insistir junto ao pároco na idéia de também ir para o seminário. O pároco apoiou nesta decisão e encaminhou-o, no dia 21 de novembro de 1929, para o Instituto Dom Bosco de Castelnuovo, que ficava muito perto da casa onde Dom Bosco nasceu. No ano seguinte foi inaugurado o aspirantado de Bagnolo, no Piemonte, e o Pe. José com os demais aspirantes foram transferidos para lá. Reinava um clima bem familiar no Aspirantado. O Diretor, Pe. Lorenzo Chiabotto, era um verdadeiro pai. O confessor era o Pe. Antônio Cometti, que tinha sido aluno do próprio Dom Bosco. Em ocasiões especiais, o confessor mostrava aos aspirantes umas nozes, que ele guardava como preciosas relíquias, pois tinham sido multiplicadas por Dom Bosco.

Respirava-se Dom Bosco por toda parte.

3 - A dimensão missionária no aspirantado e o convite para vir para Mato Grosso

O ideal de ser missionário em terras longínquas estava no horizonte e na expectativa de cada aspirante. No ano anterior, em 1933, havia partido o primeiro grupo de aspirantes para as missões de Mato Grosso. Eram adolescentes cheios de sonhos, repletos especialmente do ardor missionário, atraídos e movidos pela proposta de Dom Bosco de procurar tão-somente almas, deixando de lado todo o resto. O diário de viagem desta primeira turma de aspirantes missionários foi lido no refeitório, naquele ano. Todos seguiam com a maior atenção, saboreando cada palavra, pois sabiam que muitos dos ouvintes seriam convidados a percorrer o mesmo caminho. O mestre Sílvio Fontana, que era missionário em Mato Grosso, veio passar uns dias de férias com os parentes e os aspirantes nas montanhas, em 1934, relatando com entusiasmo o trabalho dos salesianos junto aos povos Bororo e Xavante. Em seguida, os superiores convidaram o aspirante José Corazza para ir às missões de Mato Grosso no ano seguinte. Ele acatou o convite com muita satisfação, pois, por um lado, queria ser missionário, por outro, já conhecia em parte o seu futuro campo de apostolado, através das freqüentes notícias.

4 - Viagem para o Brasil e noviciado em Cuiabá

Aproximando-se o tempo da partida para o Brasil, o grupo dos novos missionários passou um mês e meio na casa salesiana de Turim, recebendo uma vez por semana aulas de português, ministradas pelo estudante de teologia Ezio Polla, que pertencia à Inspetoria do nordeste. O assistente do grupo era o missionário em Mato Grosso Camilo Faresin, que também fora convidado pelos superiores para ser missionário. A viagem para o Brasil foi de navio e durou quinze dias. O chefe da expedição era o Pe. Guido Barra, que já tinha sido destinado e nomeado diretor para a casa salesiana de Belém-PA.

A expedição, além do Pe. Guido, era constituída por noviços, estudantes de filosofia, tirocinantes e coadjutores. O grupo era grande, pois reunia gente destinada às inspetorias de Recife, São Paulo e Mato Grosso. Em particular, quatro destinavam-se a Mato Grosso. Quando o navio se aproximou de Recife, a rádio noticiava que os missionários salesianos Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti, tinham sido trucidados pelos índios Xavantes, no dia 1° de novembro de 1934. Todos ficaram consternados. O Pe. Ernesto Carletti foi receber o grupo no Rio de Janeiro, acompanhando-o de navio até Santos. Em seguida, foram de trem para São Paulo e hospedaram-se no Liceu Coração de Jesus. O Pe. Dell'Oca, inspetor de São Paulo, titubeou para receber os três noviços que os superiores lhe enviaram. O Pe. Carletti assumiu-os imediatamente e associou-os aos quatro recém-chegados em Mato Grosso, elevando para sete o número dos novos missionários. Associaram-se ao grupo também os estudantes de teologia de Mato Grosso, que estudavam em São Paulo, e juntos partiram de trem para Campo Grande. A viagem foi lenta e penosa. Além do calor, entrava fumaça e poeira por toda parte. De Campo Grande seguiram para Corumbá, onde passaram o primeiro Natal no Brasil. No dia primeiro de janeiro de 1935 partiram de Corumbá, sulcando as águas dos rios Paraguai e Cuiabá, aportando oito dias depois na cidade de Cuiabá. Foram direto para o seminário, onde encontraram os colegas vindos do aspirantado de Castelnuovo no ano anterior. A primeira impressão do seminário foi desoladora. Estava em péssimas condições de conservação e faltava tudo, inclusive comida, que era racionada. Mas o clima salesiano e a vivência fraterna eram ótimos. O diretor do seminário ero o Pe. Luiz Sotera. O mestre dos noviços recém-chegados era o Pe. Mário Blandino, auxiliado pelo clérigo Camilo Faresin, depois bispo de Guiratinga. O noviciado correu normalmente, participando sempre nos pontificais de Dom Aquino na catedral de Cuiabá.

5 - Etapas de sua formação inicial

Em janeiro de 1936, o noviço José Corazza fez sua primeira profissão e, em seguida, iniciou os estudos de filosofia no mesmo seminário. As férias dos estudantes de filosofia eram organizadas pelo Pe. Higino Fasso, encarregado dos estudos e da disciplina. Preparavam teatros para representar em Livramento e nas missões, onde passavam a maior parte do tempo assumindo todo tipo de trabalho braçal. Nas férias de fim de ano, em 1937, transcorridas em Sangradouro, o clérigo Corazza pela primeira vez ficou gravemente doente dos olhos. Devido a isso, no ano seguinte o inspetor pediu que ele interrompesse os estudos e fosse para Cuiabá como secretário e assistente do colégio onde o Pe. Francisco Czpla era o diretor.

A função de secretário exigia, com prazos muito curtos, preencher à máquina e encaminhar inúmeros relatórios à Secretaria do Ministério da Educação. Com a limitação da visão e sem nunca ter datilografado, o clérigo Corazza teve de fazer esforço dobrado, aprendendo por si a escrever à máquina; diante desta situação, inaugurou o estilo de datilografia a dois dedos, que lhe foi característico e o acompanhou a vida inteira. Ficou dois anos e meio em Cuiabá. Em 1940 foi transferido, juntamente com seu diretor para o Liceu São Gonçalo de Cuiabá, para dar continuidade ao seu tirocínio. Em janeiro de 1941, fez a profissão perpétua em Cuiabá, seguindo no mesmo ano para São Paulo, onde iniciou os estudos de teologia no Instituto Pio XI. Foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1945, por Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba e grande ex-aluno salesiano, em Santa Ifigênia.

6 - Consolidação na vida salesiana

Passou os dois primeiros anos de sacerdócio em Tupã; em 1946 foi catequista e em 1947 foi conselheiro. Foi vice-inspetor por onze anos, escrevendo várias cartas mortuárias sempre com ótimas referências aos irmãos.

7 - Testemunho de pobreza

Nasceu de família pobre, este espírito de pobreza o acompanhou a vida inteira. A mesma mala abrigava todos os seus pertences. Não obstante isso, andava sempre limpo e bem arrumado. Seu trabalho assíduo, e por vezes sacrificado, foi de bom exemplo para todos.

8 - Exercício da autoridade

Pe. José Corazza foi vice-inspetor de três inspetores. Substituiu os titulares por vários meses seguidos. Assumiu a inspetoria em momentos difíceis, mas deu provas de equilíbrio. Soube acolher, ouvir e dar tranqüilidade a todos. Antes de ser superior, já era um religioso exemplar.

9 - Paternidade comprovada

Os alunos, os aspirantes, os tirocinantes que o tiveram por diretor, lhe deram o carinhoso apelido de "paizinho". Assim disse também o orador na Missa das bodas de ouro.

10 - Profundo conhecedor das Missões Salesianas de Mato Grosso

Sem dúvida alguma, nos tempos recentes Pe. Corazza era quem tinha o maior conhecimento da história dos Salesianos em Mato Grosso, tanto em amplitude quanto em profundidade. Escreveu inúmeros artigos sobre esta temática para jornais, boletins informativos e revistas. A obra de maior relevo foi seu livro "Esboço histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso", abrindo a coleção "Centenário".

11 - Apóstolo zeloso e incansável

Em sua atividade pastoral, deixou-se guiar sempre pela caridade. Foi apóstolo dos jovens com coração oratoriano. Foi assistente e diretor espiritual de vários grupos. Tinha a paixão de Dom Bosco pelos jovens. Grande devoção à Virgem Auxiliadora. Enquanto a doença não o imobilizou, celebrava até três Missas aos domingos. Na última vez que me encontrei com ele foi no Liceu Coração de Jesus em São Paulo, antes de viajar à Itália.

12 - Últimos acontecimentos

No final do primeiro semestre de 1996, foi à Itália celebrar com a família a solenidade das bodas de ouro. Após os festejos, sentiu-se muito enfraquecido. Levado ao hospital para um exame, constatou-se que seu quadro clínico era crítico.

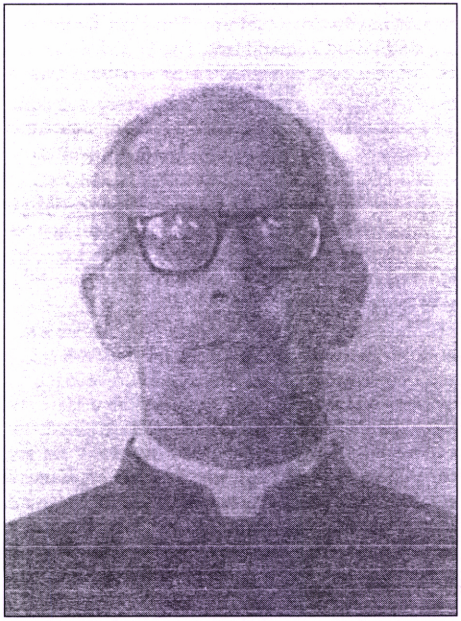
A leucemia tomara-lhe todo o organismo e revelava-se resistente e incontrolável. Ciente de sua real situação. Pe. Corazza suplicou aos superiores e aos médicos que lhe permitissem retornar para o Brasil, para consumar sua vida onde a Divina Providência o conduziu como missionário. Em setembro de 1996 ele desembarcou em Campo Grande e foi destinado para a sede da inspetoria de Mato Grosso. Embora fosse acompanhado diuturnamente por diversos especialistas, à medida que os dias foram passando, ele foi sendo vencido pela doença. Faleceu no dia 19 de dezembro de 1996, com 80 anos de idade, deixando o monumental testemunho de uma vida entregue por inteiro a Deus e aos irmãos.

13 - Conclusão

As bem-aventuranças confirmam que Deus faz feliz todo aquele que O procura com o coração sincero, que desde a juventude se entregou sem reservas. Pe. José foi feliz, porque

teve o espírito de pobre, foi manso e pacífico, soube compadecer-se dos outros e conservar a pureza do coração. Foi um missionário que soube conformar-se à estatura do salesiano, sonhada por Dom Bosco. Foi um salesiano feliz e, por onde passou, irradiou a felicidade e o otimismo. Contagiou a todos com o testemunho da sua vida.

Que ele do paraíso, onde esperamos, continue intercedendo junto a Deus e à Virgem Auxiliadora, pelos salesianos e pelo aumento e perseverança de boas e santas vocações.



PE. OSÓRIO ANTÔNIO PIRES FILHO

Dom Pedrino ✷ 13-10-1915
Curitiba † 17-01-1993 (78 anos)

Pe. Osório, além de ser meu colega de turma, era também meu colega de círculo, porque do mesmo nível de estudos. Costumava pintar sempre cenários para as festas e teatros. Contava muitas coisas da Inspetoria de São Paulo. Até uma gozada. Uma vez, estava no Liceu de São Paulo, e estava pintando um cenário para a representação. O trabalho estava atrasado, porque dispunha de pouco tempo. Apareceu o Inspetor, Pe. André dell'Oca, e vendo o trabalho atrasado, derrubou as latinhas de tinta sobre o cenário, pegou o pincel, e acabou o trabalho. Dizia Pe. Osório que o cenário ficou uma maravilha, porque o Pe. Inspetor era também um bom pintor.

Depois da ordenação, nunca mais nos vimos. A primeira e última vez foi no dia 19 de maio de 1991, por ocasião da sagração de Dom Jovêncio Balestieri, meu sucessor em Humaitá.

Pe. Osório foi vítima de acidente automobilístico, com setenta e sete anos de idade, faleceu no dia 17 de janeiro de 1993. Terminara os exercícios espirituais na casa de encontro da cidade de Vacaria, RS, no dia 9 de janeiro, e estava retornando para a sua Comunidade, na cidade de Curitiba, PR, juntamente com outros três salesianos, quando o carro no qual viajavam, colidiu no rodado traseiro de um caminhão que vinha em sentido contrário. No local do acidente faleceram seus colegas de sacerdócio e irmãos de Congregação.

O Pe. Osório, com ferimentos graves, foi transportado para o Pronto-socorro Cajuru, na cidade de Curitiba, PR, permanecendo em coma profundo até às 02h e 30 minutos do dia 17 de janeiro de 1993, quando veio a falecer.

Pe. Osório nasceu aos 13 de outubro de 1915, em Dom Pedrito, RS. Era filho de Osório Antônio Pires e de Elvira Chaubet Pires. Em 1931 foi para o colégio salesiano São Manoel de Lavrinhas, SP, dando continuidade a seus estudos com desejo firme de ser salesiano e sacerdote.

Em São Paulo (Lapa), fez o noviciado em 1936, concluindo-o com a primeira profissão salesiana em 28 de janeiro de 1937; ali também emitiu a profissão perpétua, no dia 29 de maio de 1942.

Cursou filosofia em Lavrinhas, SP (1937), Niterói, (RJ) 1938, e Cachoeira do Campo, 1939-1940. Simultaneamente, fez o tirocínio prático em Niterói e Lavrinhas. Estudou teologia no Instituto Pio XI, no Alto da Lapa, em São Paulo, nos anos de 1942 a 1945. Foi ordenado sacerdote em São Paulo, por Dom José Carlos de Aguirre, no dia 8 de dezembro de 1945.

Durante os anos de 1946 a 1948, retornou para trabalhar em Lavrinhas, como Coordenador Escolar. Colocava em prática seus dotes artísticos e de diretor de teatro. Foi depois Catequista no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Bagé.

Em 1950, foi o ecônomo do mesmo colégio. Nos anos de 1951 e 1952, foi Coordenador escolar do Liceu Leão XIII, de

Rio Grande. De 1953 a 1961, foi diretor do Seminário de Campo Grande. Retornou à Inspetoria de Porto Alegre em 1962, para ser Mestre dos Noviços, cargo que ocupou até 1972, primeiramente em Taquari, 1962-1971, e depois em Rio do Sul, em 1972. Nos anos de 1973 e 1974, esteve em Porto Alegre, como pároco na Paróquia Dom Bosco, no bairro IAPI. Em 1975 é transferido para Bagé e trabalha como vigário Paroquial na paróquia de São João Bosco, nos anos de 1976 e 1977, e como pároco de 1978 a 1983. Nos dois anos seguintes, trabalhou em Santa Rosa, como vigário paroquial na paróquia do Sagrado Coração de Jesus. De 1986 a 1990, exerceu seu ministério sacerdotal como professor no Instituto Assistencial São José, em Ponta Grossa, aspirantado de 1º grau. Foi transferido para o Instituto Salesiano de Assitência Social em Curitiba; no ano de 1991 onde era confessor na residência dos estudantes salesianos de teologia e Noviciado salesiano.

Formador e animador

Membro do Conselho Inspetorial. Embora sua vida fosse pautada pela simplicidade, não se furtou em ocupar cargos de responsabilidade na Inspetoria. Durante nove anos, foi membro do Conselho Inspetorial, acrescentando assim às suas atividades normais, as preocupações de governo de uma Inspetoria que estava se organizando.

Mestre de noviços. Grande parte de sua vida, Pe. Osório passou em casas de formação, acompanhando a caminhada vocacional dos futuros salesianos. Foi por 11 anos mestre dos noviços. Com paciência e muita bondade, anos após anos ia acolhendo os noviços cheios de ardor e necessidade de burilamento. Com sua bondade cativava a todos, e com maestria e paciência acompanhou no discernimento vocacional 217 jovens que se preparavam para a opção salesiana. Com sensibilidade para o social, procurou inculcar nos noviços o amor para com os pobres; visitava-os e distribuía alimentos e agasalhos. Dois valores salesianos fazia questão de inculcar: o amor pela

Eucaristia e a devoção a Nossa Senhora. O sonho de Dom Bosco das duas colunas, marcou muito sua vida. Seus quadros de pintura retratam essa característica. Sua última obra de pintura foi um quadro da Santa Ceia. Quanto à devoção a Nossa Senhora: não terminava uma obra nem a boa noite ou uma palestra sem recordar a Virgem Auxiliadora.

Era muito humano, de uma bondade transparente. Não sabia dizer não, e mesmo diante de grandes dificuldades, procurava uma possível solução.

Características humanas

Pe. Osório cativava as pessoas pela sua bondade, calma e delicadeza. Atendia sempre bem a todos e sabia ser agradecido quando recebia algum favor, especialmente através de uma carta. Sempre gostava de repetir: "É tão fácil ser bom! Por que não ser, se é tão fácil ser bom!"

Trabalhador incansável. Após todas as atividades diárias passava várias horas da noite ensaiando teatro, preparando cenários. Essa característica aparece, desde jovem, em todas as atividades. Mas toda a sua atividade tinha uma fonte: a vida de oração. Era fácil perceber, através de suas atitudes e palavras, a força interior que o fazia sempre sereno, disposto e disponível para servir.

Salesiano: De convivência agradável, alegre e positivo era muito benquisto na comunidade. Era sempre uma presença discreta mas construtiva. Demonstrava muito amor para com a Congregação e mantinha-se atualizado. Apesar de sua idade sabia sempre atender os jovens, apoiá-los em suas iniciativas.

Educador: Foi um apóstolo do teatro. Soube muito bem utilizar seu lado artístico, especialmente o teatro, como um apostolado. Através da arte, unia os grupos, valorizava as pessoas, sempre dava uma chance para que os mais difíceis se tornassem amigos, para depois serem melhores. Através do

teatro, conseguia criar clima de serenidade e um ambiente educativo. Sua bondade e tino prático faziam descobrir um papel especial numa peça teatral para fazer crescer um jovem tímido ou para cativar outro que era problemático no grupo. Desenvolveu também os dotes de pintor: com carinho pintava os cenários para as peças teatrais. Apesar da idade e falta de saúde, deixou nas paredes da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora de Ponta Grossa, uma amostra de seu talento e de seu coração: pintou o sonho dos nove anos e o das colunas de Dom Bosco, em proporções enormes.

Sacerdote: Foi um verdadeiro sacerdote: intimidade com Deus, dedicado ao povo simples e aos jovens. Em seu pedido para as ordens assim se expressava: "espero ansiosamente a graça de ser um bom sacerdote, sacrificado até ao heroísmo no serviço de Deus na nossa amada congregação".

Sua Eucaristia era sempre um momento de muita intimidade com Deus. Rezava com muita calma as palavras. Às vezes se enternecia diante de tão grande mistério.

Tinha um carinho especial para com os pobres. Sofria ao ver alguém pedindo esmolas, e para eles repassava o dinheiro que ganhava, mesmo que algumas vezes o enganassem. Também visitava os doentes e sabia confortar com sua palavra de fé.

Missionário: Dez anos preciosos de sua existência Pe. Osório passou em Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, como diretor do seminário que se iniciava. Seus ex-alunos o recordam com admiração. "O Pe. Osório deu ênfase à cultura de um modo geral, sendo uma grande paixão a arte cênica que ele levou ao sul do estado, nos colégios, clubes, salões paroquiais, apresentando operetas, melodramas, dramas, comédias e esquetes.

O cultivo da arte cênica, além de preencher a lacuna dos espetáculos existentes, servia como exercício de criatividade, de dicção e desprendimento.

Além de teatro e artes plásticas, desenvolveu oportunida-

des para os alunos conhecerem o Estado, suas características, sua gente, flora e fauna, promovendo turnês à sede da Diocese, então Corumbá, levando uma banda com 50 ou mais figuras.

Desenvolvia na sede grandes promoções religiosas, procissões eventos sociais, passeios à Bolívia, fábricas, siderurgia, jazidas de ferro, aos casarões, navios, etc.

Visitou a cidade de Dourados, levando a primeira banda e coral em uma grande promoção cívica, com teatro, procissões, fogueiras, atividades recreativas e afins.

O coral teve o seu momento áureo quando executou a Missa a 4 vozes com a orquestra Filarmônica de Campo Grande.

O Seminário na época do Pe. Osório encaminhou seminaristas para diversos seminários do Brasil e também recebeu seminaristas de diversas parte do mundo, promovendo a integração tão necessária para incentivar a cultura dos futuros cidadãos. A este filho de Bagé, que se tornou amigo, que amou esta cidade, a nossa homenagem (Aquilino Morais).

A Inspetoria Salesiana de São Pio X tem muito a agradecer ao Pe. Osório Pires. Agora que ele nos deixou, suba a Deus uma prece de reconhecimento e de sufrágio.

Adeus, Pe. Osório, meu colega no Estudantado Pio XI da Lapa.



PE. LEONARDO DONNO

Corigliano D'Otranto ✷ 20-02-1917
Corigliano D'Otranto † 25-07-1990 (73 anos)

Pe. Leonardo Donno nasceu em Corigliano D'Otranto aos 20 de fevereiro de 1917, filho de Salvador Donno e Pascoalina Rescio. Fez os estudos primários na terra natal e o secundário no Colégio Salesiano de Caserta, 1931. Entrou no Aspirantado Missionário de Gaeta em 1932, e fez parte da primeira turma daquela casa de formação. A começar de 1931, foi meu colega. Fomos a Roma para a Canonização de Dom Bosco, em 1º de abril de 1934. Foi a primeira turma de Gaeta que partiu para as Missões do Rio Negro, sendo destinado para a Inspetoria de Recife.

Fez um belíssimo diário da viagem e depois o mandou para o aspirantado, que foi lido no refeitório. A leitura aumentou em nós o desejo de partir para as missões. Durante o aspirantado, por quatro anos fez parte do pequeno clero, sempre bem comportado e sério. Tanto assim que por ocasião da primeira festa de São João Bosco, aos 9 de abril de 1934, fez de mestre de cerimônias no pontifical. Recebeu os parabéns do velho mestre de cerimônias do senhor Arcebispo.

Fez a vestição aos 9 de setembro de 1934, e partiu para o Brasil. Fez o noviciado, coroando-o com a primeira profissão em Jaboatão, Pernambuco. Fez a filosofia na mesma casa, e depois foi enviado como assistente e professor no Seminário arquidiocesano de Belém do Pará, confiado aos salesianos pelo senhor Arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa.

Em 1941 fomos juntos para o Instituto Pio XI, para o curso de teologia. Éramos 13 no primeiro ano, e chegamos 13 até o fim. O inspetor daquele tempo, atesta dele para admissão aos votos perpétuos: "foi bom assistente dos seminaristas e sempre aplicado no cumprimento dos seus deveres".

Terminados os estudos, foi ordenado no dia 8 de dezembro de 1945 por Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba, e entusiasta ex-aluno salesiano.

Ficou logo conselheiro escolar no colégio do Carmo em Belém do Pará. Foi catequista da casa de formação em Jaboatão. Passou depois novamente no seminário de Belém, onde teve como aluno Dom Milton Correa Pereira, futuro arcebispo de Manaus.

Foi destinado depois para a missão de Pari-Cachoeira, no Rio Tiquié, a 2ª missão na prelazia do Rio Negro. Desenvolveu ótimos trabalhos entre aqueles jovens, nas companhias religiosas e no pequeno clero. Tornou-se muito admirado pelos jovens e pelo povo em geral, especialmente pela sua cordialidade, sorriso e modo de tratar.

Fomos ordenados juntos e por isso nos conhecíamos. Depois da ordenação, apoderou-se dele um escrúpulo, achando em tudo pecado. Uma vez lembro que não conseguia passar da consagra-

ção na Santa Missa. Porém, com os conselhos dos que o conheciam e com a reza, depois de um pouco de tempo passou tudo.

Costumava repetir ingenuamente uma frase que o fez sofrer: "A Gaeta se fazia assim"... Ele sofria muito, mas levava a coisa como brincadeira.

Coerente consigo mesmo e com o carisma salesiano, trabalhou sempre para a formação dos jovens cristãos. Fazia o bem a todos para que fossem felizes.

Pe. Leonardo possuía o dom de fazer amigos. Alguém dizia que era impossível aproximar-se dele e não ser amigo. Sabia cultivar as verdadeiras amizades, sem comprometer suas obrigações religiosas e sacerdotais. Brincalhão e alegre, sabia dizer, no momento oportuno, uma boa palavra e mesmo dar uma pequena repreensão e sem ofender a ninguém.

Honrou sempre o nome de salesiano, especialmente no amor à juventude. Sofria quando sabia que algum salesiano ia deixar a Congregação. Era observante, sem ser incômodo aos irmãos.

Obedecia com simplicidade e grande espírito de fé. Tinha uma verdadeira veneração para com os superiores e via em suas determinações a vontade de Deus. Sua castidade era serena e equilibrada. Sua pobreza se caracterizava por um grande amor ao trabalho, relembrando sempre os dias felizes passados no Aspirantado, em que a verdura que comíamos, era cultivada por nós, apesar de sermos mais de 150 aspirantes.

Tinha aprendido de Dom Bosco, que o melhor para educar era o pátio. Em todos os recreios estava no meio dos alunos: conversava, brincava com eles, e fazia suas correções.

Milhares de ex-alunos o lembram com saudade, mesmo entre os que foram seminaristas no tempo dele.

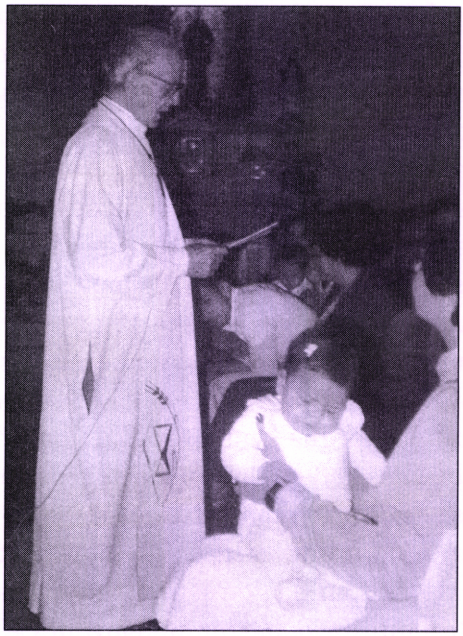
Entre salesianos, há quem disse que devia sua vocação ao Pe. Donno, especialmente pelo seu amor à sagradas cerimônias, ao modo de celebrar a Santa Missa, e ao respeito às coisas sagradas.

Maria na vida do Pe. Leonardo

Em Jaboatão, berço da espiritualidade Salesiana do nordeste, foi plantado em seu coração o amor a Nossa Senhora, Mãe e Auxiliadora de sua vocação, estrela de sua missão evangelizadora. Sempre falava de Nossa Senhora como aprendera daquele grande filho de Dom Bosco, que foi o Pe. Antônio Vellar, que sempre falava de Nossa Senhora como aprendera dos lábios de Dom Bosco.

No serviço pastoral, recordam os alunos de Pari-Cachoeira, era humilde, disponível, doava-se totalmente e era profundamente espiritual. Ele conhecia as pessoas e tinha um modo de falar que tocava o coração, especialmente quando provava o sobredito com algum exemplo.

Falava freqüentemente dos três amores que ensinava Dom Bosco: "amor a Jesus sacramentado, a Maria Auxiliadora e ao Papa". Repetia a frase de um nosso superior maior: "Com o Papa, pelo Papa, amando o Papa". Falava especialmente das impressões que teve no dia 1° de abril de 1934, quando assistiu em São Pedro a Canonização de Dom Bosco, e ouviu dos lábios de Pio XI: "Vocês me aclamaram o PAPA DE DOM BOSCO, e o sou, porque passei com ele uma semana no Oratório de Turim".



PE. CELESTINO MÁRIO LÁZZARI

São Paulo ✷ 06-12-1906
São Paulo † 23-11-1985 (78 anos)

Nasceu Pe. Celestino Mário Lázzari no dia 06 de dezembro de 1906, em São Paulo, na região sul da cidade (Santo Amaro). Foram seus pais Archimedes Lázzari e Maria Facchini Lázzari. A vivência cristã haurida no lar desde a mais tenra idade, explica a formação moral e religiosa da personalidade do Pe. Celestino, o sétimo dentre os filhos da família Lázzari. Seus pais, vivendo eles mesmos profundamente os princípios do cristianismo, souberam inocular com sabedoria evangélica nos filhos, a honradez, a verdade, bondade e uma religiosidade que acompanhou por toda a vida o nosso Padre.

Desde a infância, Pe. Celestino revelou-se um filho exemplar, humilde, atencioso, cuidando dos irmãos menores no sen-

tido de encaminhá-los para o bem e para a virtude. A reza do terço era prática diária na família. O respeito, a obediência e a veneração para com os pais, foram características nesse lar abençoado; tão abençoado que Deus concretizou um desejo ardente da progenitora: um filho padre.

Aos 9 anos, Celestino ingressa no Liceu Coração de Jesus, onde fez seus estudos, desde o primário, ginásio e científico; já moço feito conseguiu entrar como funcionário da então famosa Companhia "Light and Power"; tinha 18 anos.

Com as qualidades que recebeu do berço cristão, cultivando-as no convívio da família e na vivência das práticas religiosas da igreja, unidas às que a natureza lhe concedeu: serenidade, honestidade, pessoa de palavra, simplicidade e humildade, boas maneiras, educação fina, atencioso, sempre moderado, enfim um gentil-homem, admirado por todos quantos o contactavam, até no tom da voz sempre calma, sem nenhuma exaltação ou desequilíbrio; assim foi o jovem Celestino, assim o Pe. Celestino; até o fim da sua longa existência.

Quando ainda não havia sentido a voz de Deus para uma missão mais elevada, entrou na União dos Ex-Alunos Salesianos do Liceu Coração de Jesus, chegando a participar do Conselho e da Secretaria até o ano de 1933. E sempre muito zeloso, aderiu à Conferência de São Vicente de Paulo, da mesma União dos Ex-Alunos. Aí teve oportunidade de revelar-se um autêntico vicentino, cuja primeira e maior característica, é o amor ao próximo mais pobre: aos domingos não deixava de visitar as famílias carentes e os mais necessitados, tendo por colega outro fervoroso vicentino, Atilio Faedo, a quem devemos estas preciosas notícias da meninice e juventude do Pe. Celestino.

Foi precisamente no colégio salesiano, entre os Ex-Alunos e como congregado mariano, que Deus Nosso Senhor fez ouvir sua voz soando no coração desse jovem rico de qualidades humanas e cristãs. Por três anos seguidos participou do retiro dos marianos: eram os anos de 1931... 1933. O retiro do último ano, foi algo de extraordinário: os marianos vindos de todos os recantos da cidade e do estado, ocuparam todos os espaços dispo-

níveis do Liceu Coração de Jesus.

Em 1932, a Congregação Mariana da União dos Ex-Alunos, resolveu encenar no teatro do Liceu, a peça: "A festa dos jovens". Por unanimidade foi escolhido como galã, o moço mariano Celestino Mário Lázzari. Foi de tal agrado a repercussão da peça, que os atores tiveram de encená-la no teatro do Instituto Dom Bosco, do Bom Retiro.

Foi em 1934, já com 27 anos de idade, moço feito, de maturidade e sensatez comprovados, que o Ex-Aluno salesiano e mariano, o exemplar funcionário da Tramway, Celestino Mário Lázzari, deixava tudo: família, casa, parentes, posição excelente na grande empresa, para ingressar no seminário salesiano de Lavrinhas, uma minúscula cidadezinha às margens do Rio Paraíba.

Quem viveu aqueles marcantes anos de Lavrinhas e ainda os não poucos que se lhes seguiram, pode ter uma idéia dos esforços e até sacrifícios de adaptação, sob todos os aspectos que o novo seminarista houve por bem assimilar.

Anos difíceis aqueles! Só uma vocação amadurecida e enraizada profundamente e um ideal tão elevado, como é a vocação consagrada, é que iria ter forças bastantes e vontade vigorosa para superar um estilo de vida, senão oposto, pelo menos muito diferente do que levara até agora.

Pe. Celestino na área salesiana propriamente dita

Após dois anos de aspirantado, onde pela idade já bem rara àquela época de iniciação salesiano-sacerdotal, e mais ainda pela serenidade, delicadeza, simplicidade e docilidade, o moço deixava a mais bela das impressões e esperanças. Celestino entrou no noviciado no dia 27 de janeiro de 1936, em São Paulo - Alto da Lapa.

Tanto no pedido para o noviciado, feito no dia oito de dezembro de 1935, como para a admissão à primeira profissão religiosa, e para as demais, o então candidato àquelas fases de formação salesiana e sacerdotal, se mostrava sempre o mesmo: coerente com os ideais de se entregar totalmente a Deus

na Congregação Salesiana como sacerdote; afirmando sua decisão clara, consciente e livre, sublinhando não haver nenhum motivo que lhe embargassem tal desejado passo, após ter consultado a quem de direito, diz-se resolvido a entrar no noviciado, a fazer a primeira, segunda e definitiva profissão religiosa, invocando, sem exceção em cada pedido, a Graça de Deus e a proteção da SS. Virgem Maria Auxiliadora para poder corresponder ao dom da própria vocação. Após o noviciado, recebeu o hábito clerical das mãos do então inspetor salesiano Pe. André Dell'Oca, no dia 19 de janeiro de 1936. A primeira profissão trienal a fez em São Paulo, aos 28 de janeiro de 1937. A segunda no dia 13 de janeiro de 1940, em Bagé. Os votos perpétuos fê-los no Instituto Pio XI, no dia 29 de maio de 1942.

Durante os quatro anos de teologia, todas as vezes que os teólogos deviam sair para ensaios de canto por ocasião do Congresso Eucarístico, para ir ao Liceu ou a qualquer outro lugar, o Clérigo Celestino, como era conhecido na firma por ter sido funcionário por muitos anos, conseguia o bonde aberto para todos. E os clérigos todos de batina preta pela rua. No quarto ano, era também cabeleireiro. Três meses antes da ordenação, veio-nos visitar o chanceler da cúria, Côn. Rolim.

Enquanto conversava com os diáconos, disse: vou aproveitar para cortar os cabelos. No fim disse ao diácono Celestino: "quid retribuam domino?" Pe. Celestino respondeu logo: "dispensa dos exames da cúria aos diáconos". O cônego respondeu: vou consultar e darei a resposta. Depois de uma semana, mandou o recado: "os diáconos estão dispensados do exame". O nosso conselheiro dos estudos não gostou... mas palavra de rei não volta atrás. Fomos dispensados, e agradecemos ao cônego.

No dia 8 de dezembro, em Santa Ifigênia, fomos ordenados por Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba, e grande ex-aluno salesiano. Em sinal de agradecimento, Pe. Celestino fez questão de rezar sua primeira Missa no salão nobre da União dos Ex-Alunos salesianos do Liceu Coração de Jesus com a presença dos familiares, salesianos, marianos, muitos ex-alunos e amigos.

Trabalhou em muitas casas da inspetoria de São Paulo, ocupando cargos importantes e sempre com satisfação de todos.

Figura humana, salesiana e sacerdotal do Pe. Celestino

Todos os que tiveram a oportunidade, que é preciso chamar de sorte e felicidade de conhecer ou só contactar, por pouco que tenha sido, a pessoa do Pe. Celestino, puderam perceber que personalidade ímpar se escondia na simplicidade e humildade desse padre. Os muitos testemunhos orais e escritos, à uma, citam entre muitas, algumas características que o acompanharam interruptamente e se foram aprofundando mais e mais na sua vida.

Nos quatro anos de estudos teológicos, a constante e rica monotonia dos pareceres dos vários superiores do conselho da casa é esta: "Piedoso, trabalhador, diligente, dócil, tem muitas iniciativas, bom, prestativo, observante, muito bom, humilde, com uma grande boa vontade, criterioso, habilidoso, sempre disposto.

No testemunho de um seu ex-diretor e depois bispo, Pe. Celestino foi sempre um moço fino, piedoso, afável, modesto. Foi com prazer que acompanhei seus anos imediatos em preparação ao sacerdócio: com as maneiras serenas de um clérigo piedoso, cumpridor dos deveres, mostrando grande empenho em tudo.

Pe. Celestino foi sempre muito pronto em atender as confissões. Muito humilde e desprendido das coisas materiais, e pouco ou nada exigente no que se referia a roupas.

No documento manuscrito em que pedia plena liberdade e vontade decidida de ser padre, escrevia no seu 4º ano de teologia, no dia 10 de novembro de 1945: "Pe. Diretor, as minhas dificuldades e ansiedades o senhor as tem bem presentes e melhor do que eu as pode julgar. Infelizmente em todos os meus pedidos devo confessar a minha indignidade e suma fraqueza; todavia acrescento também que grande é a minha confiança na misericórdia infinita de Deus... E, assim, confiando na bon-

dade infinita de Deus... sob os olhares caridosos de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco, ponho-me nas mãos dos meus superiores...".

Quem se preparava e se dispunha com tão elevadas intenções de servir a Deus no sacerdócio em favor dos irmãos e ainda no jeito e estilo salesiano, só podia manter e ir crescendo na dedicação de que deu provas contínuas em sua vida; foi sempre prestimoso ao chamado dos fiéis, amigos e parentes. Por onde passava, fazia o bem!

Uma característica entre as características do Pe. Celestino.

Em ordem crescente e teologal: o amor ao nosso Pai Dom Bosco, que concretamente se traduz em adesão e apego às "coisas salesianas"; aliás foi a atração que nosso Santo Fundador exerceu sobre o espírito do menino e do jovem aluno do Liceu Coração de Jesus, e depois do associado da União dos Ex-alunos.

Com esse desgaste já não era possível arcar com as responsabilidades mais graves. Os superiores ofereceram-lhe comunidades salesianas e tarefas consentâneas com seu estado de saúde. Com a pressão arterial elevada, a conselho do médico ficou junto ao mar na paróquia de Guarujá, cuidada pelos salesianos.

Finalmente foi transferido para a comunidade da Mooca. Aí Pe. Celestino tinha à sua disposição os recursos que a sua saúde precisasse. Contudo, era notória a decadência física.

Ele dizia que estava relativamente bem disposto e agradecido à Divina Providência de o ter encaminhado para um ambiente de amor e dedicação dos irmãos salesianos da comunidade.

No dia 22 de novembro de 1985, por volta das 22 horas, nosso irmão desceu ao refeitório da comunidade, como fazia sempre, e levou o chá, tendo conversado com outro irmão por alguns momentos. Foi para o quarto. Era sexta-feira. No dia seguinte, o setor escolar festejava o último dia letivo do ano: portanto com grande alegria, jogos, brinquedos. Os salesianos que trabalham na área da escola, estavam entretidos com as despedidas dos alunos.

No almoço, não apareceu. Terminada a refeição o diretor foi até o quarto do Pe. Celestino e bateu repetidas vezes na porta do quarto. Silêncio total. Peguntou aos irmãos e às duas portarias se tivesse saído. Ninguém o viu. A estas respostas negativas, foi novamente e bateu na porta. Silêncio. Foram chamados os irmãos da comunidade. Com uma escada um salesiano subiu, e ao chegar à janela semi-aberta, constatou o que já de horas se temia: Pe. Celestino estava morto! Ainda vestido normalmente até os sapatos, estava deitado de costas, transversalmente na cama, com a cabeça tombada para trás no vão entre a cama e a parede. Já frio. Certamente se tinha sentado na cama para tirar os sapatos... nem deu tempo. O sangue se concentrou todo na cabeça e o rosto ficou de cor densamente arroxeado-violácea.

O médico diagnosticou a "causa mortis": insuficiência respiratória aguda; miocardiosclerose.

Aberta a porta, os irmãos sacerdotes deram a absolvição, o corpo foi piedosamente recomposto na cama. Avisada, a comunidade logo compareceu, vivamente impressionada pelo desfecho tão tocante. Os primeiros parentes chegaram depois de uma hora.

Às 9:00 horas do dia 24, na capela Dom Bosco, presentes familiares e muitos salesianos, amigos e conhecidos, houve a concelebração presidida pelo Pe. Hilário Moser, inspetor de São Paulo, que em palavras breves e tocantes, recordou alguns tópicos da vida do nosso querido e saudoso irmão, Pe. Celestino Lázzari, a quem Deus Nosso Pai, tenha na Glória.



PE. PEDRO HODES

Poprad ✷ 29-06-1915
Recife † 02-05-1986 (70 anos)

Pe. Pedro Hodes, filho de Adolfo Hodes e Maria Basa, nasceu em Poprad aos 29 de junho de 1915. Fez os estudos primários na cidade natal. Depois do primário, tendo feito a primeira comunhão e recebido o sacramento da Crisma, entrou no aspirantado salesiano e fez o ginásio. Entrou em seguida no noviciado, e no fim apresentou o pedido para os votos, declarando-se disposto a observar as Constituições da Sociedade Salesiana.

Foi admitido à profissão religiosa com votação unânime do conselho da casa.

Depois, os superiores, acolhendo o pedido de partir para as missões, o enviaram para as missões do Rio Negro.

Em dezembro de 1936, chegou a Recife, e logo depois foi para Jaboatão, casa de formação para aspirantes, noviços e estudantes de filosofia. Aí fez os três anos de filosofia (era a reforma dos estudos). Foi meu companheiro desde o primeiro ano.

Durante este período, freqüentemente ia trabalhar sozinho no igarapé Mangaré, que passa a uns 50 metros da nossa residência, sempre no terreno da nossa Colônia. Trabalhava de batina, e daquela grossa, e sempre sozinho!

Depois de meses, limpou todo o igarapé, de modo que não havia mais água parada. Tudo melhorou.

Fizemos juntos os estudos teológicos em São Paulo, no Pio XI. No 2º e 3º anos, ele ia ao oratório dominical na Paróquia de Santa Teresinha, onde desenvolveu grande atividade catequética e era muito estimado pelas crianças do oratório festivo.

Havia muita seriedade nos estudos, com momentos de distração, sobretudo nos recreios e nos passeios semanais. Havia empenhativas representações teatrais e acadêmicas que empolgavam e comoviam. Mas sempre formativas.

Intensa e profunda era a piedade, o amor ao estudo e o entusiasmo nas reuniões e nas companhias religiosas. Este era o ambiente, com superiores que sabiam cativar os corações.

Era uma disciplina por alguns julgada excessiva, mas útil à formação da personalidade dos futuros sacerdotes.

Na aula, Pe. Pedro primava pela exposição das lições, pela seriedade. Por vários anos distinguiu-se nas atividades paroquiais, com uma dedicação e um zelo que atraía os fiéis.

Depois da ordenação, trabalhou na inspetoria de Recife em várias casas, sempre com satisfação dos superiores e dos alunos.

Pediu depois a exclaustração, e se encardinou na Diocese de Garanhuns, PE. Trabalhou apostolicamente em paróquia, seguindo sempre as orientações de seu bispo.

Freqüentemente me escrevia, dando notícias e lembrando os tempos que passamos juntos.

Uma vez até me escreveu dizendo que queriam fazê-lo bispo, mas ele absolutamente não aceitou a idéia.

Todos os meses enviava ao Inspetor de Recife uma ajuda para as vocações, pedindo sempre orações.

Dizia aos fiéis: vinde rezar comigo durante a semana, sobretudo aos domingos. O vigário deve anunciar aos homens a palavra, a verdade, a vontade de Deus. É por isso que é enviado: "ide e ensinai a todas as nações".

Ele se apresentou aos fiéis da paróquia, como um verdadeiro pai espiritual. "Deixem que seus filhos freqüentem a igreja, as aulas de catecismo... aprenderão aqui as verdades santas da religião, o respeito para com os pais, a obediência, a submissão. Que aqui venha numerosa a mocidade para encontrar na palavra do vigário a Jesus Mestre, o guia para poder avistar ao longo do caminho da vida os abismos, sepulcros da virtude e da fé... Que venham também, e diria sobretudo os homens, a porção mais rica da nossa família paroquial, que deveria dirigir os outros no caminho do bem".

Desapegado de tudo, tinha apenas o necessário. Com os pobres porém, sempre de mãos largas, e se interessava por eles especialmente em suas necessidades.

Dom Tiago Postma bispo emérito de Garanhuns, escreveu-me uma carta em data de 19-03-1998, dizendo-me algumas coisas do saudoso Pe. Hodes. "Faz alguns anos que ele morreu. Eu estava ainda em Garanhuns. Fiz ainda visitas a ele quando estava no Hospital de Recife. Era sempre um homem zeloso, trabalhador, especialmente com as crianças.

Ele não era fácil na comunicação com os colegas.

Vivia com o coração aberto aos camponeses e seus problemas, mas não conseguiu um diálogo com eles e os grandes ideais e visões dele se perderam um pouco no ar."

Desde que veio da Europa, nunca mais voltou para rever os parentes, não porque não os amava, pois sempre se correspondia com eles. Dizia que devia preocupar-se mais com a família paroquial e que fazendo economias podia dispor mais em desenvolver as obras da paróquia.

Lembrava-se do que aprendera: "quem dá aos pobres, empresta a Deus, e fica depositado no Banco da Divina Providência, que rende cem por um para a Vida Eterna".

Embora exclaustrado, fica sempre lembrado, porque honrou a nossa turma, conservando-se fiel até à morte.



PE. NESTOR RABELO SAMPAIO

Riachuelo ✷ 29-07-1918
Fortaleza † 16-09-1983 (65 anos)

Nasceu em Riachuelo, no Estado de Sergipe, 29 de julho de 1918. Foram seus pais o casal cristão Raul de Oliveira Sampaio e Flora Rabelo Sampaio, que entregou ao ministério de Igreja dois dos seus filhos: Luiz e Nestor.

No dia oito de setembro de 1919 é batizado, e a 14 de julho de 1933 confirma o seu batismo pelos dons do Espírito Santo que lhe vêm através da unção crismal. O terreno, assim preparado, estava apto para receber a semente da vocação. E a semente germinou e deu frutos.

Inicia seus estudos no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora de Aracaju, onde ingressa no dia 22 de janeiro de 1931.

Prepara-se com os primeiros estudos até ser julgado apto para ingressar no noviciado salesiano, em Jaboatão-PE, no dia 22 de janeiro de 1936.

No dia 25 de março do mesmo ano, recebe o hábito religioso das mãos do inesquecível e grande conhecedor de Dom Bosco e de sua pedagogia, o Pe. Carlos Leôncio da Silva. Concluído o noviciado foi admitido à profissão dos votos trienais que emitiu no dia 28 de janeiro de 1937.

Foi meu companheiro de formação desde o noviciado até a ordenação. Estava ainda no primeiro ano de filosofia, e já era assistente da divisão dos menores de Jaboatão, aspirantes. Sabia mostrar-se sério quando era preciso, mas sempre imparcial.

Fez dois anos de tirocínio prático no Ginásio Pe. Rolim de Cajazeiras. Viajamos juntos para o Instituto Pio XI para o estudo da teologia, pois havíamos feito um ano de tirocínio durante a filosofia.

Recebeu a sagrada ordenação sacerdotal no dia oito de dezembro de 1945, pela imposição das mãos do grande amigo dos salesianos, Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba. No pedido que fez para ser admitido à ordem do Presbiterato, traçou seu programa de vida sacerdotal: "Difundir o perfume do Santo Evangelho de Jesus Cristo. Tudo farei com os 'olhos em Jesus'. A exemplo de Dom Bosco procurarei almas e a Deus só servir".

Neo-sacerdote, dotado de possante saúde, zeloso e cheio de entusiasmo, inicia uma rica folha de serviço sacerdotal na Congregação e na Igreja do Norte e Nordeste do Brasil, trabalhando em prol da educação da juventude e do bem das almas.

Em 1946 é coordenador dos estudos no Colégio do Carmo em Belém do Pará. Nos anos de 1947 e 1948 desempenha, com dedicação a mesma função no colégio salesiano Pe. Rolim, em Cajazeiras, no Estado da Paraíba. A seguir é feito ecônomo do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Recife. Com o mesmo encargo é mandado para o colégio Dom Bosco de Manaus.

Foi ele quem construiu o andar térreo onde atualmente

está o novo prédio do colégio Dom Bosco, era para o teatro. Mas quando se pensou em demoli-lo para que a nova construção estivesse mais perto da rua, um irmão coadjutor salesiano que sabia a quantidade de ferro, e tipo de vergalhões gastos, disse: "nem bomba atômica consegue derrubar estes alicerces". Em vista disto modificaram o novo prédio e aproveitaram os alicerces.

Pe. Nestor tinha uma boa voz e freqüentemente era convidado para ser "precentor" no canto das vésperas ou nas missas solenes. De caráter bastante forte, defendia sempre a própria opinião, mas quando se convencia de que a opinião dos outros era melhor, mudava e com muita satisfação. Às vezes alguns aspirantes comentavam o cultivo do cabelo dele, mas não era exagerado, era apenas mais comprido do que dos outros colegas.

Em 1954 é transferido para Juazeiro do Norte, no Ceará, com a responsabilidade de coordenador dos estudos, e responsável pela construção do monumental Santuário do Sagrado Coração de Jesus, cuja primeira pedra foi benta pela pelo Pe. Renato Ziggiotti, Reitor-Mor dos Salesianos, em 1957. O Reitor-Mor achou uma idéia genial, pois a pedra era um pedaço de mármore que veio das Catacumbas de São Calisto de Roma. Foi o mesmo Pe. Nestor que retirou a estátua do Sagrado Coração, de madeira, de 3 metros de altura, que foi feita nas oficinas salesianas de Barcelona, na Espanha, que ficara na alfândega do Rio durante um ano.

A obra do Sagrado Coração do Juazeiro é a glória do Pe. Nestor. Ele sentia-se plenamente realizado quando trabalhava com o povo. Aí encontrava espaço para expandir sua alma de apóstolo. Em 1974 é reitor do Santuário Coração de Jesus do Juazeiro e depois, em 1976, primeiro pároco. Foi vigário da paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Aracaju e depois em Salvador, onde serviu com zelo ao povo de Deus, e foi precisamente para a Obra de Assistência aos Menores e Velhinhos pobres, fundada por Mons Joaquim Ayres e para a Congregação Servas da Sagrada Família. Para estas obras Pe. Nestor canalizou maiores atenções.

Por sua caridade e pela grande ajuda que prestou à Comunidade das irmãs, ele marcou inesquecivelmente a sua passagem por aquela paróquia.

Bastante cansado pelas contínuas lides apostólicas e empenhativas, e necessitado de refazer no estudo e na reflexão, passa os anos de 1967-1968 em Valera, na Venezuela. Também aí, enquanto estudava, vivia entusiasmado o seu sacerdócio. Refaz-se com o estudo das fontes da salesianidade. Os dois anos que passou na Venezuela lhe foram de muita valia para intensificar seu amor à Congregação. Pe. Nestor mostrava com gestos e palavras que amava imensamente o seu sacerdócio e a sua congregação. Quem o conheceu e com ele conversou poderá dar disso testemunho.

Estando na Venezuela, empenhou-se também na construção de uma bonita igreja, trabalho este que lhe valeu como reforço de experiência para, retornando ao Brasil, continuar em Juazeiro no ano de 1969 a construção do santuário que ele amava. A nova arrancada agora é longa e penosa. Maior, porém, era sua fé que gerava no seu coração sacerdotal a esperança que jamais perdeu.

Em 1974 é feito Reitor do Santuário que se torna sede da nova Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Juazeiro, confiada aos salesianos, oficialmente inaugurada em 1976. Pe. Nestor é nomeado primeiro vigário. Como pároco e desempenhando um vasto leque de atividades fica ele até fins de 1979, sendo, em 1980, designado para ecônomo do colégio salesiano São José de Natal.

Finalmente mais um sacrifício lhe foi pedido, no início de 1983, ao ser convidado para o cargo de ecônomo do Centro Educacional Dom Lustosa, em Fortaleza, e aí permanecendo até o dia 16 de setembro do mesmo ano, quando sua vida tragicamente truncada do nosso convívio humano, voltou para Deus.

Em todos os cargos que ocupou e em todas as funções que desempenhou, o Pe. Nestor testemunhou sempre uma total dedicação e uma grande disponibilidade ao serviço. Assumia tudo com muito espírito de responsabilidade.

Mensalmente, o diretor Pe. Cassiano e o ecônomo, Pe. Nestor,

iam a Baturité, distante 100 km, para assuntos de interesse da comunidade e da inspetoria. Retornando de Baturité para Fortaleza aconteceu um desastre. O carro dirigido pelo Pe. Cassiano chocou-se violentamente com outro que trafegava na direção oposta. Pe. Cassiano ficou semi-morto. Pe. Nestor não obstante estar com as pernas quebradas e sob o impacto do tremendo choque, não perdeu os sentidos. Conseguiu dar a absolvição ao irmão agonizante ao seu lado e, a uma pessoa que passava pelo local do acidente, pediu para que levassem o companheiro ao pronto-socorro. Pe. Cassiano, faleceu antes de entrar no pronto-socorro.

No final, além de uma forte hemorragia, com a subseqüente perda de enorme quantidade de sangue, conseqüência da violenta colisão, uma diabete altíssima surgida de repente no último dia de vida dificultava qualquer intervenção cirúrgica. A situação se complica. O quadro se agrava. Os esforços humanos não foram capazes de atalhar a morte que se aproxima.

Seu corpo é transladado para o Centro Educacional Dom Lustosa, onde trabalhava, para receber de todos o nosso último adeus. Permanece na câmara ardente na área coberta. Um grande número de pessoas do bairro e da comunidade educativa, fortemente marcadas pela dolorosa notícia, acorre ao Dom Lustosa.

Uma piedosa Missa de corpo presente, presidida pelo Cardeal de Fortaleza Dom Aloísio Lorscheider, acompanhado de numerosos sacerdotes, marcou o ponto alto da despedida deste estimado irmão.

Seu corpo, em cortejo, foi levado para o cemitério "Parque da Paz", em Fortaleza, onde agora repousa, qual semente plantada, aguardando o convite definitivo do Pai para a ressurreição final. Na capela do cemitério, antes do enterro, um grupo de alunos do Dom Lustosa recitou uma oração de Nossa Senhora que o Pe. Nestor costumava rezar.

Quando seu corpo descia à sepultura, cantos de amor-serviço, de esperança e de fraternidade subiam aos céus num gesto expressivo de entrega-imolação.

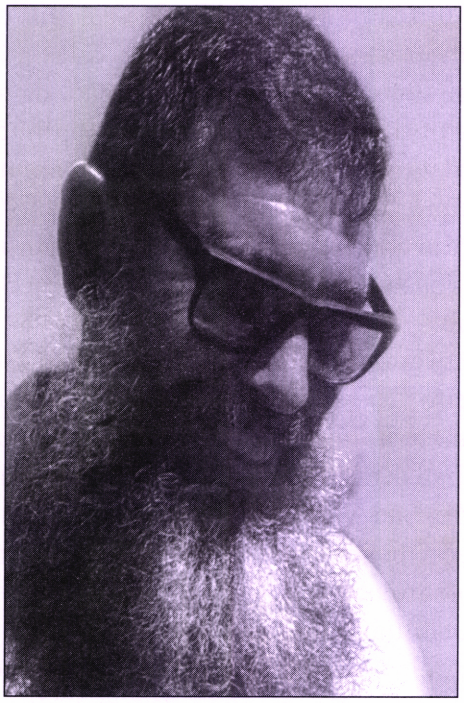
O trágico da ausência não elimina a presença do bem rea-

lizado. A morte prematura marcou e abalou profundamente a todos que conheciam Pe. Nestor. Sua capacidade de serviço. Seu profundo e sincero amor à Congregação e à Igreja, sua filial devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, são traços inconfundíveis deste grande salesiano. Nos seus trabalhos administrativos – não poucos – sempre se deixou guiar pela nota que distingue todo bom administrador: A FIDELIDADE. Foi sempre o servo bom e fiel.

Seja esse sangue derramado semente fecunda de novas e generosas vocações para a messe que é grande nesta necessitada região e que grita pedindo obreiros zelosos e dedicados.

O vazio deixado por este nosso irmão seja em breve preenchido por jovens generosos dispostos a abraçar, convictamente, o nosso ideal que o desaparecido, com coerência de vida e zelo apostólico, soube viver.

Maria, presença estimuladora de Mãe e Mestra em todos os empreendimentos deste nosso irmão, nos fortaleça a todos na encruzilhada pela dor, mas também – e por que não – iluminada pela esperança.



PE. ANTÔNIO JOSÉ GÓES

Itabaiana ✷ 13-06-1918
Manaus † 27-02-1976 (58 anos)

Nascido em Itabaiana, Sergipe, aos 13 de junho de 1918, filho de Valentim José Góes e Genoveva Maria do Sacramento, cresceu num ambiente onde desabrocharam outras duas vocações: um padre e uma irmã de Maria Auxiliadora.

Em 1929 entrou no colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Aracaju, Sergipe; depois foi para o aspirantado de Jaboatão e em 1935 recebe a batina e entra no noviciado. Na mesma casa fez os estudos filosóficos. Faz quatro anos de tirocínio, passando pelo seminário de Belém, no Liceu Salesiano do Salvador, e o último ano como assistente dos aprendizes em Recife.

Partimos juntos para o estudo da teologia em São Paulo, sendo companheiros nos quatro anos.

Quando fez o pedido para a ordenação, os superiores deram o seguinte parecer: "Bom, piedoso, trabalhador, zeloso, sério e criterioso". Quantos o conheceram podem afirmar que se conservou assim até o fim de sua preciosa existência. Fomos ordenados no dia 8 de dezembro de 1945, pela imposição das mãos de Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba, e ex-aluno salesiano.

Depois da ordenação passou um ano como diretor dos estudos em Recife. Em 1948 foi destinado para o seminário arquidiocesano de Belém-Pará, onde se distinguiu pela seriedade e pelo saber. Em 1950 é nomeado diretor da sede da missão do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira. Terminado o triênio, passa a exercer o mesmo cargo na missão de Jauareté, na fronteira com a Colômbia. Em 1956 é nomeado confessor em Santa Isabel de Tapuruquara.

Foi levado pelo zelo missionário a uma empresa apostólica que haveria de absorvê-lo totalmente até o último instante de sua existência: anunciar a Boa Nova aos índios Yanomames, na serra do Pico da Neblina.

Por 22 anos, desde seu primeiro encontro pacífico com aqueles silvícolas, o Pe. Góes viveu sua vida missionária feita de sacrifícios e renúncias, de perigos e dificuldades, de paciente espera, de trabalho prudente e sensato, de cativante alegria, com toda humildade e simplicidade. A ele devemos a fundação das duas residências missionárias entre os Yanomames.

Desejando aproximar os índios Yanomames, que traziam em contínuos sobressaltos os habitantes da margem esquerda do Rio Negro pelos repetidos assaltos aos povoados dos caboclos para roubar-lhes seus pertences, obteve dos superiores a licença muito desejada, e partiu para o Rio Cauaburí. Com sua prudência e especialmente com sua bondade, pôde aproximar-se dos terríveis Yanomames, ganhando-lhes a confiança e simpatia.

Histórico encontro com os Yanomames

O primeiro encontro foi um pouco difícil. Pe. Antônio contava que a primeira vez foi no rio Cauaburí, com um grupo de uns 10 homens. O padre estava com um motor de popa, e um grupo de índios estava na margem do rio apreciando no meio da folhagem, observando o que o padre fazia. Depois que o padre os viu, eles se aproximaram. Apenas com sinais o padre se fez entender. Fez sinal que voltaria depois de duas voltas da lua. Dois meses depois, no mesmo lugar, o padre apareceu, e também os índios foram pontuais. Já eram mais de 20, só homens. Pe. Antônio lhes deu alguns presentes: roupas, terçado, sal, açúcar.

Ficou com eles durante um dia. Prometeu que voltaria, novamente, depois de duas voltas da lua: depois de dois meses. Fiel ao compromisso, depois de dois meses voltou, e no mesmo lugar estavam muitos índios, homens, jovens e alguns meninos. Levaram o padre até onde podia avistar a grande maloca. Não o deixaram entrar.

Prometeu voltar novamente depois de dois meses. Arrumou bastantes coisas, recomendou-se a Nossa Senhora Auxiliadora e foi.

Nesta quarta vez os índios o receberam com muita alegria e o levaram para a maloca, onde ele pôde ver as mulheres e as crianças. Distribuiu tudo o que tinha, deixando todos satisfeitos.

Vê-se como adquiriram confiança, reconhecendo no padre uma pessoa amiga, sinal prático de levá-lo até à maloca.

Quando eu estive lá pela primeira vez, logo que souberam que eu era "tuchaua", me receberam com alegria, e o tuchaua me entregou o arco e a flecha, sinais de grande amizade. Resumidamente este é o encontro com os Yanomames do Rio Cauaburí.

Uma cena não fotografada

De volta à primeira visita ao Marauiá talvez uns 300 índios Yanomames nos acompanharam até a embarcação. Chega-

dos à margem do rio, enquanto nós arrumávamos as coisas, todos os índios se espalharam no barranco, muito alto e olhando para nós. Era um espetáculo sem igual! Uma cena que se fosse fotografada, teria feito sucesso, porque se podia vender a preço especialíssimo. Pe. Antônio tinha máquina fotográfica, mas não se permitiu fotografar os índios como estavam, no estado natural. Aliás, posso dizer de ter examinado todas as fotografias tiradas por ele nas várias missões, vi uma com mais de 20 índios, no estado natural, fotografados estando atrás de uma grande árvore caída. Depois que se espalhou a notícia do encontro dos Yanomames, um médico especialista da Áustria escreveu que enviasse umas fotografias do natural, para estudo, que ele pagaria o que quisesse. Respondeu que não podia atender ao pedido.

Voltando para Santa Isabel, vitorioso por ter conquistado a amizade dos Yanomames, conseguiu dos superiores a licença para abrir uma residência entre eles. Voltou novamente com algumas mercadorias que eram do agrado dos índios, tornaram-se amigos, e começou a casa para a residência. Ajudou os índios a fazerem suas casas perto da residência e a melhorar suas roças. Introduziu o plantio da macacheira, que eles não conheciam, e que acharam muito vantajosa "porque dava menos trabalho", disseram. A residência foi inaugurada no dia 24 de maio de 1958 e dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, por ser o ano centenário das aparições a Santa Bernardete.

Depois de alguns anos, com a residência já organizada, os índios pacificados, foi bem substituído, e ele foi abrir outros centro dos mesmos índios no rio Maraiuá, sempre na margem esquerda do Rio Negro. Também lá construiu residência, ensinou aos índios a lavoura, a criação e a fazerem suas casas.

As novas orientações do Concílio Vaticano II pelo decreto "Ad Gentes", não encontraram Pe. Antônio insensível. Pelo contrário, tomava informações, participava com muito interesse dos encontros de pastoral indigenista, consultava muito aos mais entendidos. Embora afastado, não se sentia isolado. Mantinha-se constantemente unido a todos: irmãos e amigos de

Manaus, no Brasil, da Venezuela, valendo-se dos recursos da técnica e da telecomunicação. E com isso, além da amizade, granjeava meios e recursos para a subsistência das obras. Periodicamente aparecia em Santa Isabel para passar alguns dias na comunidade da qual fazia parte. Todos admiravam seu espírito comunitário, sua capacidade de relacionamento com os demais, um natural prestígio que lhe vinha de seus feitos, relação dos acontecimentos e da venerável barba, como aparecia no *Boletim Salesiano* e em outras notícias.

Em virtude disso, a Divina Providência dispôs que em 1975, o seu trabalho fosse documentado pela equipe salesiana, que veio de Turim de propósito, quando menos pressentíamos seu improviso desenlace. Trata-se de um documento cinematográfico que foi lançado ao público, durante o centenário das missões salesianas "O MEU CAMINHO É O RIO". Este filme tem dupla finalidade: mostrar ao vivo o trabalho missionário e o despertar de vocações. Numa hora difícil, Pe. Antônio através desta película desperta nos jovens e nos moços de ânimo generoso a chama da vocação missionária que ardia em seu coração magnânimo.

Carinhosamente convidado para tomar parte nos festejos centenários das missões salesianas em Turim e em Roma, viajara à Itália com aquela aspiração emocionante de quem finalmente vai ver o Oratório, a Basílica de Maria Auxiliadora, o mundo salesiano da Europa, e os lugares santos da cristandade, a Palestina de que ouvira falar a vida inteira, sem nunca ter visto.

De regresso a Manaus, manifesta seu profundo agradecimento para com aqueles que colaboraram para essa sua viagem, lembrando com íntima satisfação pessoas e lugares por onde passara, achando aquilo simplesmente maravilhoso.

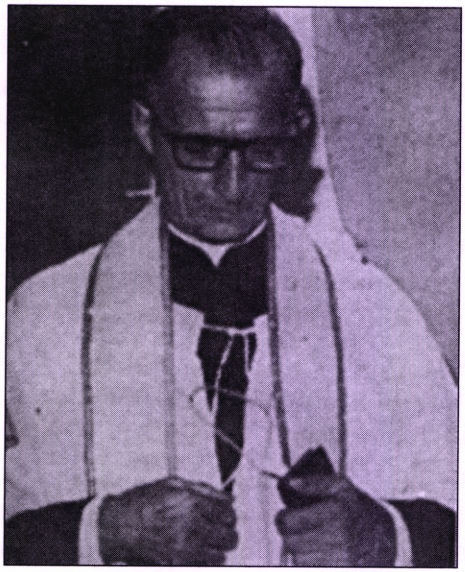
A vida do Pe. Góes foi dura, várias vezes nas viagens a canoa se alagava, e ele perdia tudo. Foi visto chorar, mas nunca desanimado. Quando voltava a Santa Isabel, era uma festa para aqueles meninos e meninas, do Marauiá e do Maturicá. Nunca permitiu a fotógrafos que tirassem fotografias nus. Eu vi todas

as fotos tiradas nos dois centros e posso garantir que são todas conformes aos ensinamentos de Dom Bosco, que tinha uma castidade "selvagem". Pena não termos gozado por mais tempo sua presença no meio de nós.

De volta da Itália, subiu com o motor da linha levando muita coisa. Chegando a Barcelos, como tinha um dente que lhe doía, mandou arrancá-lo e prosseguiu a viagem. De Barcelos para Santa Isabel houve infecção na boca com outras complicações. Foi obrigado a voltar a Manaus para uma consulta médica. Seu estado de saúde piorou rapidamente. A par de seu estado, pediu os santos sacramentos, que recebeu com plena lucidez de mente e resignadamente. Assistido pelo Pe. Inspetor e por outros irmãos, faleceu placidamente, deixando em todos muita saudade.

Que Nosso Senhor envie outros missionários decididos e dedicados, apostólicos, sacrificados como o nosso querido Pe. Antônio José Góes.

Podemos defini-lo, e justamente, O APÓSTOLO DOS ÍNDIOS YANOMAMES.



PE. HEITOR CASTOLDI

Milão ✷ 13-01-1911
Campo Grande † 01-09-1974 (63 anos)

No ano cinqüentenário da presença salesiana em Campo Grande, vigésimo quinto aniversário da criação da paróquia de São José de Campo Grande, na madrugada de 1º de setembro encerrava sua laboriosa jornada. Por 11 anos foi seu zeloso e dedicado pastor exercendo, contemporaneamente, o cargo de vigário geral da diocese e assistente eclesiástico do Movimento Familiar Cristão.

Com sucessivas doenças, "o Senhor vinha fazendo soar ao ouvido do Pe. Heitor a trombeta do seu chamamento".

Dotado de fina sensibilidade musical, ele, sem dúvida, percebia que o som daquela trombeta se avolumava nos últimos tempos, por isso se atirava ao trabalho para que "ao toque de recolher" pudesse apresentar-se "a Deus como homem comprovado, fiel distribuidor da palavra da verdade" (*Tm* 2,15).

Internado várias vezes em hospitais, não diminuía o ritmo de suas atividades, não parava, não se entregava, continuava com o mesmo trabalho de assitência aos menos favorecidos, prosseguia sua atuação nos cursos de noivos, no Movimento Familiar Cristão. Programara percorrer diversas cidades do Estado para fomentar e organizar encontros de casais. A paralisia facial, que o acometera no começo de agosto, a ordem médica proibindo viagens e esforços excessivos, não conseguiram detê-lo na sua atividade que desgastou até se exaurir totalmente, segundo o magnânimo programa de vida apostólica: "De muito bom grado eu gastarei tudo o que tenho e me oferecerei em total sacrifício por vós" (*2Cor* 12,15).

Sua última missão sacerdotal foi cumprida em Bela Vista, onde fora promover encontros de casais. Naquela cidade fronteiriça o acometeu a doença que ditou o seu falecimento: meningite meningocócica. Recolhido ao hospital local e depois, a seu pedido, na residência dos Padres Redentoristas, teve toda a assistência possível, quer dos médicos quer mesmo dos Padres Redentoristas, que dia e noite se revezavam à sua cabeceira. Após leve melhora, nova recaída obrigou seu transporte para Campo Grande, onde chegou em estado comatoso.

Durante dez dias ficou o paciente sob acurada assistência médica e sob a égide de fervorosas orações que os fiéis e amigos endereçavam ao Criador rogando por sua saúde e restabelecimento.

Baldado, porém, todo esforço que se fez para salvar-lhe a preciosa vida: faleceu às 3:40h no dia 1° de setembro.

O corpo foi levado à igreja e exposto à visitação dos fiéis. Era domingo, dia do Senhor, dia da comunidade paroquial reunida em volta da mesma mesa e na comunhão do mesmo pão.

A solene celebração exequial – presente o senhor bispo diocesano Dom Antônio Barbosa –, presidida pelo Pe. Inspetor e com a participação dos sacerdotes da cidade, congregou grande número de fiéis, que superlotaram a igreja e adjacências. "Naqueles momentos de concentração e de fé, parecia ouvir a sua voz possante, dirigindo os cantos nos atos religiosos e can-

tando". O pastor, porém, "configurado ao Cristo Vítima, na mudez eloqüentíssima dos fatos ia repetindo a fórmula: Orai, irmãos, para que o meu sacrifício seja aceito por Deus Pai Todo-poderoso".

Terminada a celebração litúrgica, o féretro foi conduzido ao cemitério com acompanhamento dos mais concorridos.

"Quem se colocasse no meio do desfile fúnebre – escrevia um diário local – não conseguiria ver nem o princípio nem o fim". Acompanhavam o Sr. Bispo Diocesano e o Pe. Inspetor, as principais autoridades civis e militares, o clero e representantes de todas as classes sociais. Rezadas as preces rituais, ao canto da loa: "no céu, com minha Mãe estarei", foi tumulado no jazigo da Família Salesiana, onde, com os irmãos que o precederam, aguarda o momento da ressurreição.

Pe. Heitor Castoldi nasceu em Milão, Itália, aos 13 de janeiro de 1911, filho de Luiz e Ana Brevi. Órfão de pai desde a infância, cresceu sob os cuidados do tio sacerdote, Pe. João Castoldi. Membro da Ação Católica, sentiu desabrochar os germes da vocação sacerdotal e missionária. Aos vinte anos de idade, em dezembro de 1931, entrou para o aspirantado de Bagnolo, onde soube adaptar-se plenamente à vida de internato, merecendo a estima dos superiores que, ao término do curso ginasial, em 1934, o admitiram ao noviciado com esta apreciação: "Alegre e aberto, cheio de atividade e de zelo, bons resultados nos estudos".

Aos 15 de novembro embarcava para Mato Grosso, chegando a Cuiabá em janeiro de 1935. Durante o noviciado, aprofundou o conhecimento e a prática da vida salesiana que abraçou, com a profissão religiosa, aos 29 de janeiro de 1936. Feitos os estudos filosóficos, continuou na casa de formação, assistente e professor dos clérigos, lecionando, contemporaneamente, no Liceu São Gonçalo de Cuiabá.

Em 1942 iniciou os estudos teológicos no Instituto Pio XI, São Paulo. Pe. Heitor era o mais ativo da turma. Tinha uma voz maravilhosa. Muitas vezes era precentor nas vésperas, com um lindo livro *Usualis*. Quando chegava o inspetor Pe. Carletti,

os do Mato Grosso logo o rodeavam, passeando pelas avenidas, conversando, contavam tudo, e o superior acalmava seus ânimos, e quando saía, tudo estava calmo. Quando chegou o Pe. Raineri, representante do Reitor-Mor durante a guerra para a América Latina, De Camillis deu de presente três pacotes de bombões. Um foi dado ao Pe. Raineri e outros dois guardados. Pe. Heitor disse ao Pe. Carletti: há outros dois pacotes... O padre cochichou com o Pe. Raineri, e ele os mandou buscar, dando um para o Pe. Carletti e outro para o Pe. Orlando Chaves. Eu fui com o Pe. Carletti, porque distribuía mais... Ele me perguntou: não és de Mato Grosso. Eu respondi: sou do norte, mas simpatizante de Mato Grosso... e ganhei mais que os outros.

Ao terminar os estudos, os superiores deram o juízo: "Bom, inteligente, trabalhador, amante da Congregação, espírito de iniciativa". Indica as características de sua vida salesiana e sacerdotal.

Como sacerdote, por oito anos foi conselheiro escolar nos colégios de Silvânia (Goiás) e Lins (São Paulo), incutindo com sua presença física, austera e firme, disciplina e seriedade.

De 1954 a 1961, foi diretor do Colégio Dom Bosco em Tupã, São Paulo. Esse colégio fundado para ser viveiro de vocações para a Inspetoria, por várias circunstâncias, forçara o pequeno grupo de aspirantes a imigrar para Campo Grande e Silvânia, abrigando em seu lugar, internos e externos.

Em 1949, os aspirantes voltavam ao antigo ninho, formando com os internos uma única comunidade. O crescer constante dos aspirantes – em 1953 eram oitenta – aconselhou a transferência do internato para o Colégio São Domingos Sávio de Lucélia. Em 1954 o novo diretor encontrou os aspirantes num ambiente pequeno e incômodo, demandando acomodações mais amplas e mais bem equipadas. A nova ala do prédio, projetada com quatro pisos, em concreto, foi levado a termo pelo Pe. Heitor, em dezessete meses, graças a seu dinamismo, "aos sacrifícios dos salesianos da casa, à colaboração da Inspetoria e dos amigos e com a proteção de São José", a cujo patrocínio fora confiada a construção. A satisfação dos salesianos ficou consig-

nada na seguinte nota de crônica: "com uma respiração mais ampla, ambientes mais acolhedores, a formação torna-se mais eficiente. Respira-se um ambiente de casa de formação".

Uma semana vocacional, a presença de bispos e Pe. Inspetor, das autoridades locais e centenas de alunos dos colégios salesianos da região paulista emprestaram um brilhantismo ímpar às solenidades de inauguração do prédio, harmônico, sóbrio e, ao mesmo tempo, imponente. Pe. Guido Barra, inspetor na época, registrava o acontecimento com estas palavras: "tudo saiu brilhantemente, a contento de todos."

A visita do Reitor-Mor da Congregação, Pe. Renato Ziggiotti, foi outro acontecimento que, sob sua inteligente organização, empolgou a cidade. O entusiasmo e a benéfica influência da visita, quer nos aspirantes, quer na população, compensaram generosamente as canseiras dos preparativos.

A autoridade eclesiástica, em reconhecimento ao zelo apostólico dos salesianos, criou, anexa ao colégio, a paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, empossando Pe. Heitor no cargo de 1º vigário.

Em 1961, apesar dos insistentes pedidos dos amigos para forçar sua permanência em Tupã, foi nomeado ecônomo inspetorial, transferindo-se para Campo Grande, onde exerceu, contemporaneamente, o cargo de vigário da paróquia de São João Bosco, anexa ao colégio. Coube-lhe naquele período, levar a termo a construção do prédio, destinado à faculdade de filosofia, cujas obras se prolongavam havia anos. Graças a auxílios obtidos pelo Pe. Inspetor, Pe. Greiner, na Alemanha, pôde imprimir um ritmo mais acelerado aos trabalhos, deixando em funcionamento, quando, em fins de 1962, foi empossado na paróquia de São José.

Foi este o período mais fecundo de sua vida, exercendo por 11 anos o cargo de vigário com competência e dedicação, numa entrega total aos paroquianos "até se exaurir definitivamente".

Para melhor planificação do trabalho pastoral, estudou a situação religiosa da paróquia e a vitalidade das associações: Marianos, Filhas de Maria, Homens Católicos "Dom Bosco",

Devotos de Maria Auxiliadora. Os Marianos, embora em número reduzido, mostravam-se ativos. Os Homens Católicos "Dom Bosco", atuantes no campo social, colaboraram com o vigário para dar à Colônia "Mata Jacinto" – um aglomerado de posseiros à margem da cidade – escola e capela, títulos de terra e alimentos.

Considerando as dificuldades em fazer florescer e manter viçosas as associações religiosas, sugeriu, às Filhas de Maria, as equipes de catequistas; às associações da Arquiconfraria de N.S. Auxiliadora, a "Oficina de Santa Rita" ou associação de São Judas Tadeu, cuja finalidade era a confecção de roupas para pobres e preparação de moças para serviços domésticos. A associação porém que lhe mereceu carinho especial, foi o Movimento Familiar Cristão. Após a posse, escrevia: "Reunião do primeiro grupo de casais. Movimento grandemente consolador e de grande alcance. Deve merecer a melhor das atenções, ser a pupila dos olhos do vigário". Dois anos mais tarde, numa revisão de vida religiosa da paróquia, tornava a escrever: "Foi dada grande importância ao MFC. Torna-se um dos movimentos basilares, capaz de trazerem sopro real de vida cristã à nossa paróquia e à Diocese".

A razão eram os objetivos do movimento de cristianização e defesa dos valores essenciais da família, numa sociedade em transição e de difícil relacionamento de pais e filhos. Estava convencido de que toda ação evangelizadora da sociedade se apóia na vivência cristã do matrimônio. Consciente da importância do Movimento e da necessidade de sua expansão, não perdia a oportunidade de participar de congressos e encontros nacionais e internacionais. Nos últimos tempos, mais que pela hepatite, que o prendia à cama, sofria pela previsão de não poder participar do encontro de Salvador, Bahia, julgado de grande importância pelos assuntos a serem tratados. Promoveu semanas com palestras radiofônicas, artigos em jornais, folhetos volantes para poder popularizar o movimento. Essa dedicação foi ternamente correspondida pelos casais: a assitência carinhosa e contínua dos médicos, a preocupação

geral pelo agravamento da doença, a oferta generosa de sangue, as enternecedoras mensagens telefônicas de crianças, o sentir unânime pelo falecimento, demonstraram o quanto era estimado.

Em 1965, promoveu as "Santas Missões" para atuar a renovação principiada pelo Vaticano II. "Acostumados, escrevia um diário local, a ouvir missa mais por hábito do que por devoção, os fiéis um dia foram surpreendidos com a missa rezada em língua portuguesa e com o padre voltado para eles. Depois, pouco a pouco levados a participar dos atos religiosos, liam orações e as Cartas dos Apóstolos, participando dos cânticos religiosos. Os impressos eram distribuídos e o Pe. Heitor vinha, praticamente, cobrar a participação de todos, regendo e percorrendo as alas entre os bancos da igreja, puxando, por assim dizer, a voz de cada um. As missas na igreja de São José passaram a ser muito mais movimentadas e mais concorridas, inclusive a missa dos jovens às 19 horas do domingo".

As missas eram primeiramente liturgia da palavra: "Pregava e argumentava com veemência, defendendo os princípios da doutrina cristã... pregando o bem, combatendo o mal.

No ano das bodas de prata da paróquia, quando se preparava para comemorar a efeméride com a inauguração da fachada da igreja, em cujo frontal um painel do glorioso Titular deveria perpetuar sua gratidão a São José, pelos muitos favores, Deus o chamou primeiro dos sete vigários que a pastorearam para a recompensa eterna. Pe. Heitor ficará assinalado nos anais da história da Igreja, como indefesso apóstolo da vivência sacramental do Matrimônio. Que nossos lares, tão bafejados de Vida Divina, sejam fecundas sementeiras em que se faça ouvir a Vocação do Sacerdócio.

salesianas

ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
Rua Dom Bosco, 441 • CEP 03105-020 • São Paulo - SP
Fone: (011) 277-3211 • Fax: (011) 279-0329 • Fax (Vendas): (011) 279-4084
Telex: (011) 32431 - ESPS BR • Caixa Postal 67541 - CEP 03102-970
E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br • Home page: http://www.salesianos.org.br

OS PERSEVERANTES
Colegas da minha ordenação sacerdotal

Pe. José Corazza
Pe. Osório Antônio Pires Filho
Pe. Leonardo Donno
Pe. Celestino Mário Lázzari
Pe. Pedro Hodes
Pe. Nestor Rabelo Sampaio
Pe. Antônio José Góes
Pe. Heitor Castoldi